



ESPAÇO ALTERNATIVO

EDUCAÇÃO PARA UMA LEITURA MUDIÁTICA FEMINISTA

Ester Alkimim Zanco Rodella¹

RESUMO: Todos os dias os meios de comunicação divulgam notícias referentes a feminicídios ou outros tipos de violências contra as mulheres. Este artigo pretende analisar o fato de que, até mesmo notícias que envolvem mulheres e não são sobre essas violências diretas e culturais e sim sobre abordagens do mundo feminino (como Dia Internacional da Mulher, por exemplo) podem ter uma carga de violência em mensagens subliminares. E como as mulheres recebem essas notícias? Será que elas se sentem representadas pelas mesmas? Seleccionamos algumas imagens veiculadas pelo MBL (Movimento Brasil Livre) em sua página do Facebook, no Dia Internacional da Mulher de 2018 e 2019, e as mostramos a integrantes do coletivo feminista Rede Panapanã de Mulheres do Noroeste Paulista, de Votuporanga, como forma de ter um feedback dessa leitura e de propor um programa de alfabetização midiática junto a esse grupo de mulheres. A ideia é trabalhar conceitos de media literacy e do jornalismo para a paz, a fim de convergir para uma comunicação crítica e cidadã.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização midiática. educação midiática. mulheres na mídia. feminismos. jornalismo para a paz. Rede Panapanã, movimentos sociais.

ABSTRACT: Every day the media broadcasts news regarding femicide or other types of violence against women. This article intends to analyze the fact that even news involving women and not about this direct and cultural violence, but about approaches from the female world (such as International Women's Day, for example) can have a load of violence in subliminal messages. And how do women receive this news? Do they feel represented by them? We selected some images published by the MBL (Free Brazil Movement) on its Facebook page, on International Women's Day 2018 and 2019, and showed them to members of the feminist collective Panapanã Women's Network of Northwest São Paulo, from Votuporanga, as a way of having feedback from this reading and to propose a media literacy program with this group of women.

KEYWORDS: media education. women in the media. feminisms, journalism for peace. social movements.

¹ Mestre em Comunicação Midiática pela Faac Unesp, graduada em Jornalismo pela Universidade Metodista de Piracicaba. E-mail: esteralkimim@gmail.com

Revista ALTERJOR

Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP)

Ano 12 - Volume 01 - Edição 25 - Janeiro-Junho de 2022

Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, São Paulo, CEP: 05508-020

INTRODUÇÃO

Em tempos de fake news, de polarização política (que se observa também nas mídias) e de pós-verdade, quando fatos objetivos têm menos influência na formação da opinião pública que as emoções ou crenças pessoais, como proceder a uma leitura midiática que não nos torne reféns de “achismos”, estereótipos e preconceitos? Se as novas tecnologias na sociedade da informação facilitam o acesso a notícias de quaisquer partes do mundo, elaboradas por grupos de comunicação homogêneos ou independentes e alternativos, também põem em xeque nossa capacidade de leitura e interpretação do que é veiculado nessas mídias. Por isto a alfabetização midiática tem um papel importante na formação do ser não apenas consumidor de informação, mas também cidadão. Segundo a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), o empoderamento de pessoas por meio da Alfabetização Midiática e Informacional (*Media and Information Literacy - MIL*) é um importante pré-requisito para promover o acesso igualitário à informação e ao conhecimento, bem como sistemas de mídia e informação livres, independentes e plurais ². A alfabetização midiática nos permite avaliar os conteúdos criticamente, compreender as funções da mídia e suas relações de poder e tomar decisões com base nas informações disponíveis. Este artigo pretende explorar conceitos de alfabetização midiática para uma leitura noticiosa crítica e conceitos de Jornalismo para a Paz visando uma abordagem jornalística mais inclusiva, que priorize diversidades e rompa com as linguagens violentas. Também nos propusemos a uma atividade prática com o coletivo de mulheres Rede Panapanã de Votuporanga-SP; a intenção foi elaborar uma atividade de mídia educação a partir de imagens veiculadas pelo MBL (Movimento Brasil Livre) em sua página no Facebook, no Dia Internacional da Mulher de 2018 e de 2019. Algumas das integrantes da Rede Panapanã se dispuseram a participar da atividade e responderam um questionário sobre suas percepções quanto às imagens veiculadas pelo MBL.

² <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/communication-and-information/digital-transformation-and-innovation/media-and-information-literacy/> Acesso em 5/8/2019

PROBLEMA

Qual a leitura midiática das mulheres sobre o que o MBL publicou em seu Facebook no Dia Internacional da Mulher em 2018 e 2019?

METODOLOGIA

Estudos de media literacy (educação para a mídia) e de Jornalismo para a Paz

1- MÍDIA-EDUCAÇÃO

Ler ou assistir uma notícia em apenas um veículo midiático não é garantia de informação. Ler ou assistir uma mesma notícia em vários veículos pode nos dar interpretações diferentes do fato, mas nos fornece material de comparação, pesquisa e análise crítica midiática. A media literacy, ou educação (ou alfabetização) para a mídia se propõe a isto: a fazer uma leitura ampla e aprofundada do que é veiculado na mídia com o objetivo de formar cidadãos questionadores, críticos e que direcionem suas ações para melhorar a vida em sociedade. Com a internet temos acesso a informações o tempo todo, de todas as partes do mundo, oriundas de grupos homogêneos, mídias independentes, diferentes plataformas digitais, em convergências de linguagens e em quantidade abundante. Filtrar e decifrar essas informações requer habilidades técnicas que podem ser suprimidas com atividades de mídia-educação, amparadas pelo suporte tecnológico.

248

“Sem dúvida, a habilidade ou inabilidade de as sociedades dominarem a tecnologia e, em especial, aquelas tecnologias que são estrategicamente decisivas em cada período histórico, traça seu destino a ponto de podermos dizer que, embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico”
(CASTELLS, 1999, P. 26)

As tecnologias de comunicação, cada vez mais acessíveis, podem ser utilizadas para que eduquemos os cidadãos para uma sociedade democrática e inclusiva. A pesquisadora Mônica Caprino, da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) relacionou 107 organizações não-governamentais brasileiras que desenvolvem 240

projetos nesse campo, em todo o país. Destas, 40,2% têm a comunicação como meta principal e seus objetivos são “dar voz aos destinatários e democratizar o uso da comunicação”, enquanto a maioria (59,8%) enfatiza a divulgação de temas sociais e o fortalecimento da cidadania e dos direitos humanos. (Caprino, 2016).

Em seu trabalho “Mídia Educação no ensino médio: uma experiência com alunos e professores, os pesquisadores Alexandra Bujokas de Siqueira, Roseane Andrelo e Lígia Beatriz Carvalho de Almeida apontam que a educação para a mídia é um campo de pesquisa e ação política que se revigorou com a popularização da internet e que o surgimento da mesma enfatizou a necessidade de se educar as pessoas para tirar melhor proveito das mídias, como consumidoras e cidadãs. (SIQUEIRA; ANDRELO; ALMEIDA, 2012). Os pesquisadores afirmam que o Reino Unido é, talvez, um dos países mais proeminentes nesse campo e que no Brasil diversas ações foram implementadas pelo governo federal nos últimos anos, como o Proinfo, Mídias na Escola e Educom. Radio.

Entretanto, a realidade nas escolas é bem diferente daquela que desejam as políticas governamentais e que imaginam as propostas teóricas da investigação científica. Entre as questões mais frequentes na área de mídia-educação estão a urgente necessidade de popularização do acesso à internet, a formação do professor e a elaboração de metodologias apropriadas. A educação para a mídia (ou media literacy) integra o conjunto das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e pode ser interpretada como o campo de estudo da metalinguagem midiática, habilidade fundamental para a aprendizagem do futuro. (SIQUEIRA; ANDRELO; ALMEIDA, 2012, p. 126).

O conceito de mídia-educação começou a ganhar força na década de 60 em organismos internacionais, particularmente a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). Entre outras ações de fomento, o órgão elaborou a Declaração de Grünwald, de 1982, a qual reconhece a necessidade de sistemas políticos e educacionais para formar cidadãos com compreensão crítica sobre os fenômenos da comunicação e a Proclamação de Alexandria (2005), que descreve a alfabetização informacional e a aprendizagem ao longo da vida como as "luzes da

sociedade da informação, iluminando os cursos do desenvolvimento, da prosperidade e da liberdade”³.

2 - JORNALISMO PARA A PAZ

Se uma das premissas da alfabetização midiática é empoderar pessoas para buscar, avaliar, usar e criar informações a fim de promover inclusão social, democracia e cidadania, o Jornalismo para a Paz se encaixa com maestria neste artigo, pois se as mídias se atentarem a seus princípios teremos uma comunicação mais inclusiva, que rompa com as violências e dê visibilidade a quem não a tem.

O Jornalismo para a Paz (JP) parte dos estudos para a paz de Johan Galtung, pesquisador norueguês e pioneiro na reflexão sobre a possibilidade de um jornalismo mais “humano” e menos “mercadológico”, menos violento e mais pacificador (Galtung usou os termos “Peace Journalism” e “War Journalism”, ou Jornalismo para a Paz e Jornalismo para a Guerra, na década de 1970).

O JP e a mídia voltada para a paz são essenciais para promover e encorajar o desenvolvimento das estruturas democráticas de comunicação. A combinação de tais estruturas com o JP pode aumentar a eficácia de programas de desenvolvimento, reduzir a desigualdade socioeconômica, a corrupção e a exploração; além disso, incrementa o respeito social e o respeito pessoal para com os componentes mais fracos das sociedades em desenvolvimento (SHINAR, 2008, P.44).

250

Para Annabel Mc Goldrick e Jake Lynch, importantes pesquisadores da área, o Jornalismo para a Paz traça novas linhas de conexão entre jornalistas, fontes e as consequências das abordagens, utilizando a análise e transformação de conflitos para alcançar equilíbrio, igualdade e rigor em coberturas jornalísticas (LYNCH; Mc GOLDRICK, 2007 apud CABRAL; SALHANI, 2017).

McGoldrick e Lynch elaboraram, através dos estudos de Galtung, uma diferenciação entre Jornalismo para Paz e Jornalismo para a Guerra/Violência; os principais pontos são: o Jornalismo para a Paz dá voz a todas as partes envolvidas; todas

³ <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/communication-and-information/digital-transformation-and-innovation/media-and-information-literacy/> Acesso em 6/8/2019

as partes ganham; humaniza todas as partes, especialmente quando há armamentos; foca nos efeitos invisíveis da violência: traumas, danos à estrutura e à cultura; foca no sofrimento de todos e dá voz a mulheres, crianças e idosos; destaca iniciativas voltadas para a paz, a fim de, também, prevenir outras guerras. No Jornalismo de Guerra/Violência uma parte ganha e a outra perde; vê “eles” como problema e foca em quem prevalece na guerra; é reativo: espera atos violentos para reportar; foco nos efeitos visíveis da violência: número de mortos, feridos e danos materiais; tem homens da elite como porta-vozes; foca em tratados, instituições e em uma sociedade controlada (Lynch e McGoldrick (2007) apud (CABRAL; SALHANI, 2017, p. 9).

Ao unificar os estudos de media literacy e de Jornalismo para a Paz neste artigo reiteramos a importância de convergir conhecimentos para um bem coletivo. Trabalhar os dois conceitos na aplicação do questionário para o coletivo Rede Panapanã de Mulheres do Noroeste Paulista é uma forma de mostrar que educar para a leitura das mídias é educar também para a paz.

3- UMA LEITURA FEMINISTA

Como integrante e jornalista voluntária do coletivo Rede Panapanã de Mulheres do Noroeste Paulista decidi colocar em prática os estudos de media literacy e de Jornalismo para a Paz em uma atividade voltada a esse grupo e relatada neste artigo como estudo de caso. Para Shinar, os movimentos sociais têm sido ativos em promover ligações entre democracia, paz e desenvolvimento (SHINAR, 2008, p.41) e a Rede Panapanã, desde sua criação, em 2016, tem elaborado estratégias nesse sentido. O coletivo nasceu em Votuporanga em março de 2016, como fruto de discussões sobre feminismos nas redes sociais; foi idealizado pela assistente social e mestra em direitos humanos Angelita Toledo e pela arquiteta e doutora em estruturas ambientais urbanas Terezinha Gonzaga.

Panapanã é um substantivo feminino de origem indígena (tupi), que significa “um bando de borboletas ou uma nuvem de borboletas em migração”, e representa, para o coletivo, a transformação, a liberdade, a diversidade, e a beleza enquanto essência e não aparência. É um grupo que visa defender e lutar pelos direitos das mulheres como

direitos humanos e ainda contra qualquer tipo de exploração, opressão e discriminação por classe, raça, etnia, religião, geração, região ou nação, condição física e orientação sexual. Desde sua criação o grupo tem organizado palestras, workshops, passeatas e cursos que visam o empoderamento e a independência financeira das mulheres, como o curso “Manutenção: Mulheres em Ação”, desenvolvido em parceria com o Instituto Federal (IFSP) de Votuporanga.⁴

Em uma reunião com algumas integrantes da Rede Panapanã de Mulheres do Noroeste Paulista, realizada no dia 27 de julho de 2019, apresentei duas notícias veiculadas pela mídia independente digital MBL (Movimento Brasil Livre) em sua página no Facebook, no Dia Internacional das Mulheres de 2018 e 2019. As notícias são, na verdade, duas imagens com a mesma legenda, “Feliz Dia das Mulheres”:

Imagem 1:



Imagem 2:



Fonte: Fonte: MBL Facebook^{5 6}

⁴ <http://vtp.ifsp.edu.br/index.php/noticias/1216-projeto-do-ifsp-c%C3%A2mpus-votuporanga-%C3%A9-contemplado-em-processo-seletivo.html> Acesso em 7/8/2019

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856/835862243204587/?type=1&theater>

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856/1335478856576254/?type=3&theater>

Na Imagem 1 Margaret Thatcher (1925-2013), que foi primeira-ministra do Reino Unido (1979-1990), conhecida como “dama de ferro” aparece em um tanque de guerra. A foto a mostra em visita às forças britânicas em Fallingbommel, em 17 de setembro de 1986. Conservadora, Thatcher deu início, ainda nos anos 1970, à implementação do neoliberalismo no Reino Unido, que flexibilizou as leis trabalhistas, incentivou as privatizações e a lei do “estado mínimo”. Esse modelo de política econômica se tornaria hegemônico no mundo capitalista, sendo adotado no Brasil durante o governo de Fernando Collor de Melo (1990-1992). A imagem 2 mostra uma policial, a cabo da PM Kátia da Silva Sastre, que em 12 de maio de 2018, à paisana, atirou e matou um assaltante em frente a uma escola em Suzano-SP, na presença de crianças.

Nos parâmetros do Jornalismo para a Paz as duas imagens são orientadas para a violência e não contemplam as verdadeiras lutas das mulheres no dia a dia. A primeira dá voz à elite e não foca nos efeitos invisíveis da violência (traumas, danos à estrutura e à cultura). A segunda foca na arena de conflito: há duas partes e um objetivo (vencer; uma parte ganha, a outra perde); não se humaniza a parte que perde.

Organizamos um bate papo e propus um questionário sobre as imagens às mulheres da Rede; oito participaram. As questões foram: 1-Você se sente representada como mulher em alguma das imagens? Por quê? 2-Qual seria uma representação ideal das mulheres no Dia Internacional das Mulheres para você? 3-Alguma das imagens é violenta para você? Por quê? As oito entrevistadas responderam que as duas imagens não as representam como mulheres (ver entrevistas completas em ANEXOS, no final deste artigo). “Ideologicamente não me sinto representada na figura 1 pela “dama de ferro”, pois enquanto mulher e feminista acredito que a nossa luta tem que ser anticapitalista e contrária às políticas econômicas de cunho neoliberal, ou seja um estado “mínimo” para o capital e máximo para o povo, com ofertas de políticas públicas e direitos para as mulheres. Já na figura 2 podemos observar o uso da imagem da mulher com uma arma na mão como um apelo à flexibilização de leis relacionadas ao porte de armas no Brasil, uma questão que possui uma relação com o aumento no número de casos de feminicídio no país”, afirma a assistente social Angelita Toledo.

Para a psicóloga Nicole Fortunee Vieira Hadida “as imagens querem passar a mensagem de truculência, e não de que lutamos por direitos, mas sim que queremos

agredir e impor nossas vontades à força. Isso é ação do machismo, coisa que lutamos pra acabar com”. A arquiteta Terezinha Gonzaga ressalta que a mídia é um dos instrumentos que as mulheres precisam saber usar a seu favor, pela justiça social, ambiental, pela paz e contra a ordem patriarcal/machista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização midiática aplicada juntamente com os conceitos de Jornalismo para a Paz é uma ferramenta importante para o exercício da democracia e da cidadania. Em tempos onde proliferam as *fake news* e muitas vezes uma mesma informação precisa ser vista e checada em diferentes fontes, saber utilizar as mídias e propor alternativas às já existentes é trabalho árduo, mas compensador. Uma simples atividade de mídia-educação com o coletivo Rede Panapanã de Mulheres do Noroeste Paulista nos fez perceber como é urgente trabalhar de forma mais aprofundada os conceitos de media literacy e de Jornalismo para a Paz com grupos que se organizam, muitas vezes pelas redes sociais, em prol da democracia e da inclusão (inclusive midiática), clamando por pautas que as mídias hegemônicas muitas vezes ignoram, como as pautas das lutas feministas. Esses grupos e coletivos, tão importantes para a democracia, como defende Shinar, podem ser trabalhados para estudar as mídias e propor soluções para casos de linguagens violentas e não democráticas, cobrando medidas até do poder público. Também podem criar mídias alternativas de comunicação que contemplem diversidades de gênero, social, religião, raça, etnia e observatórios de análise midiática. É um campo vasto de estudo e prática que, logicamente, esbarra em questões culturais e pessoais dos envolvidos nesses grupos, dificuldade para aquisição de instrumentos tecnológicos (montar uma sala de redação com computadores, internet, etc., por exemplo) e capacitação desses grupos sobre os conceitos de media literacy, educação, jornalismo, democracia, ética e outros.

Mas foi uma atividade proveitosa que pode nos servir como base para um trabalho mais amplo e constante junto à Rede Panapanã, e que posteriormente poderá ser estendido a outros movimentos sociais feministas ou não. O importante é desenvolver o senso crítico, o debate democrático e a participação coletiva.

REFERÊNCIAS

- CABRAL, R. e SALHANI, J. (2017). **Jornalismo para a paz: conceitos e reflexões**. E-Compós, 20(3). <https://doi.org/10.30962/ec.1371>
- CAPRINO, Mônica. **Educação Midiática nas ONGs Brasileiras: Experiências para a Cidadania Comunicativa**. Universidade Metodista, São Paulo, 2016.
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação-economia, sociedade e cultura**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- McGOLDRICK, A.; LYNCH, J. **Peace Journalism – What is it? How to do it?** 2000. Disponível em: https://www.transcend.org/tri/downloads/McGoldrick_Lynch_Peace-Journalism.pdf (acesso em 25/6/2019)
- ORGANISATION DES NATIONS UNIES POUR L'EDUCATION, LA SCIENCE ET LA CULTURE (UNESCO). **L'éducation aux médias**. Paris, 1984.
- SIQUEIRA, Alexandra Bujokas; ANDRELO, Roseane; ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho . **Mídia-educação no ensino médio: uma experiência com alunos e professores**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação. Araraquara -SP, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/5397/4321> (Acesso em 5/8/2019)
- SHINAR, D. **Mídia democrática e jornalismo voltado para a paz**. Líbero, ano XI, n. 21, p. 39-48, 2008.

Websites

<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/communication-and-information/digital-transformation-and-innovation/media-and-information-literacy/> Acesso em 5/8/2019

<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/communication-and-information/digital-transformation-and-innovation/media-and-information-literacy/> Acesso em 6/8/2019

<http://vtp.ifsp.edu.br/index.php/noticias/1216-projeto-do-ifsp-c%3%A2mpus-votuporanga-%C3%A9-contemplado-em-processo-seletivo.html> Acesso em 7/8/2019

<https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856/835862243204587/?type=1&theater> Acesso em 7/8/2019

<https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856/1335478856576254/?type=3&theater> Acesso em 7/7/2019

ANEXOS-ENTREVISTAS

1-Nathália Almeida, 26 anos, jornalista

1- Você se sente representada como mulher em alguma das imagens? Por quê?

Não, acredito que as mulheres não irão alcançar a igualdade de direitos por meio de atitudes impositivas ou até mesmo de violência. O processo de igualdade entre mulheres e homens deveria ser natural e horizontal, mas sabemos que socialmente as lutas ainda são muitas. Nas representações as duas mulheres Thatcher e a policial representam uma realidade que não está nem perto da maioria das mulheres comuns do Brasil, que vivem diariamente com a desigualdade de gênero em diversos âmbitos.

2- Qual seria uma representação ideal das mulheres no Dia Internacional das Mulheres para você?

Para mim, seria a luta por igualdade. Nossa sociedade ainda está muito longe disso (há desigualdade de gênero, raça, econômica). Para as mulheres é ainda mais difícil, porque elas se tornam a minoria da minoria. As mulheres negras então são o outro do outro, em um nível de segregação ainda maior.

3- Alguma das imagens é violenta para você? Por quê?

Sim, muito. Elas traduzem esse período que estamos vivendo, de um governo de extrema direita, que acredita que a solução para problemas sociais e de violência seja com outras violências. A policial da foto está inserida em um contexto em que é naturalizada a posse de uma arma e a utilização dela sem critérios.

O feminismo e as suas lutas ainda estão em evolução, mas acredito que alcança poucas mulheres. As de classe mais baixa são muitas vezes deixadas de lado, por entenderem que é um movimento elitizado, em que apenas acadêmicas podem participar. É claro que nos grandes centros a luta é mais plural e acaba tendo um trabalho de base mais amplo, porém nós aqui no interior precisamos evoluir muito nesse sentido. Seria mais um trabalho de desmistificar o feminismo e mostrá-lo mais acessível a todas.

2-Angelita Alves de Toledo, 34 anos, assistente social

1- Você se sente representada como mulher em alguma das imagens? Por quê?

Não. Ideologicamente não me sinto representada na figura 1 pela “dama de ferro”, pois enquanto mulher e feminista acredito que a nossa luta tem que ser anticapitalista e contrária às políticas econômicas de cunho neoliberal, ou seja um estado “mínimo” para o capital e máximo para o povo, com ofertas de políticas públicas e direitos para as mulheres. Já na figura 2 podemos observar o uso da imagem da mulher com uma arma na mão como um apelo à flexibilização de leis relacionadas ao porte de armas no Brasil, uma questão que possui uma relação com o aumento no número de casos de feminicídio no país.

2- Qual seria uma representação ideal das mulheres no Dia Internacional das Mulheres para você?

Historicamente o Dia Internacional das Mulheres é um dia de luta, um dia de celebração à nossa força e da conquista de direitos, mas que hora ou outra são contestados em uma sociedade patriarcal. Acredito que a representação ideal desse dia seria a de mulheres que tanto se dedicaram ou até mesmo perderam suas vidas pela reivindicação coletiva, como Marielle Franco, Margarida Alves, Irmã Dorothy, Tereza de Benguela, Dandara, entre outras.

3- Alguma das imagens é violenta para você? Por quê?

Sim. Na figura 1 temos um tanque de guerra, e não existe mais violento e catastrófico para a humanidade do que guerras, enquanto que na figura 2 ela usa uma arma que fez um disparo fatal, acredito que mulheres devem saber se defender em situações de violências ou de riscos de morte, mas não se acaba com a violência através da violência, pelo contrário podem gerar ainda mais, inclusive nessa mesma cidade e escola, um ano depois deste fato tivemos outro lamentável, pois um adulto e um adolescente (que parecia ser fanático pelo uso de armas) entraram atirando em uma escola pública ferindo e matando alunos/as e funcionários/as e depois tiraram a própria vida, e a pergunta que fica: será que esses atiradores estavam presentes nesta cena da figura 2?

A MBL nas duas imagens faz uma alusão ao Dia Internacional da Mulher e do poder feminino com o poder bélico (arma e tanque de guerra), e não é essa a nossa luta, pois queremos uma vida sem violências! Queremos direitos e não armas!

3- Leonice Domingos dos Santos Cintra Lima, 57 anos, professora universitária

1-Você se sente representada como mulher em alguma das imagens? Por quê?

Não. Porque as mulheres nas imagens não correspondem ao movimento de mulheres e não representam as lutas feministas com as quais estou alinhada (mesmo acompanhadas de frases que atendem ao clamor do movimento feminista).

2- Qual seria uma representação ideal das mulheres no Dia Internacional das Mulheres para você?

Que fossem usadas mulheres que efetivamente representam a luta da mulher por igualdade, dignidade e respeito.

3- Alguma das imagens é violenta para você? Por quê?

As duas imagens incitam a violência e violência não se alinha com os movimentos feministas.

Considero relevantes estudos que analisam a forma como a mídia “usa” a imagem da mulher, ora como objeto de consumo; ora como objeto de incitação à violência (como no caso das imagens em destaque).

4-Terezinha de Oliveira Gonzaga, 67 anos, arquiteta urbanista e feminista, docente e arquiteta na prefeitura de Votuporanga-SP

1-Você se sente representada como mulher em alguma das imagens? Por quê?

Claro que não. Eu abomino a violência. E não acredito que enfrentar a situação de violência com violência resolva o problema, não resolve e não acaba a violência. A violência de gênero e no caso contra a mulher e contra a população pobre e negra é uma violência estrutural, parte do sistema que vivemos que privilegia a opressão e exploração da grande maioria da população. A violência deve ser coibida. Esses cards

são apologia à violência, culto a guerra e às armas, principalmente violência com as próprias mãos, no caso de Kátia.

2- Qual seria uma representação ideal das mulheres no Dia Internacional das Mulheres para você?

A representação que gostaria de ver e vejo através dos sites, páginas de Face, das feministas e de direitos humanos são as mulheres unidas e organizadas em defesa de seus direitos. Só coletivamente as mulheres mudaram a situação de violência existente.

Existem milhões de fotos com estas manifestações em todo o mundo: as mulheres saem às ruas, organizadas em seus coletivos. Fotos e desenhos lindíssimos. Além de suas músicas. A proposta de neste dia as mulheres pararem de trabalhar na rua e em casa faria a sociedade sentir o quanto somos necessárias.

O patriarcado/machista odeia o movimento feminista-que é o caso dos neoliberais do MBL que em muitas situações postaram esculhambando com as feministas. Defendem a opressão da mulher e o feminismo questiona a raiz do patriarcado, sua ordem patriarcal, hierarquizada e sufocadora, que mantém os grilhões ideológicos sobre as mulheres. Fecham os olhos ao feminicídio que assassina 13 mulheres ao dia no Brasil, e o tráfico de pessoas que em sua maioria são mulheres, e é a segunda economia. Portanto vai estar sempre utilizando o corpo das mulheres para tentar nos dividir, mas não conseguirá. A mídia, tanto a escrita, falada, televisiva, digital/magnético, por meio das redes sociais tem se multiplicado e é um dos instrumentos que precisamos saber usar em nosso favor e, em favor da justiça social, ambiental e pela paz e contra a ordem patriarcal/machista.

5-Lígia Florêncio Pontes, 40 anos, professora de Ciências e Biologia

1-Você se sente representada como mulher em alguma das imagens? Por quê?

Não, a representação da mulher relacionada à violência e à austeridade reforça estereótipos masculinos. Além de reforçar as políticas ao combate a violência de forma equivocada.

2- Qual seria uma representação ideal das mulheres no Dia Internacional das Mulheres para você?

Mulheres reais, com modelos que não remetessem a divindades, fragilidade, imagens sentimentais e apelativas.

3- Alguma das imagens é violenta para você? Por quê?

Todas, além do armamento mostrado nas imagens, as ações demonstram um domínio violento sobre o próximo. O jornalismo e a publicidade precisam urgentemente de profissionais que tratem as questões femininas sem estereótipos e culpabilidade.

6-Ana Luiza Francischette Izaias, 26 anos, estudante

1- Você se sente representada como mulher em alguma das imagens? Por quê?

Não, nas duas imagens são colocadas mulheres de uma maneira violenta e nos dois casos não concordo com o pensamento das mulheres que foram exemplificadas.

2- Qual seria uma representação ideal das mulheres no Dia Internacional das Mulheres para você?

Acredito que as mulheres deveriam ser representadas como são. Somos mulheres de diversas profissões, ideais, como qualquer outro ser humano. A representação da mulher deveria ser como somos normalmente, somos mães, irmãs, filhas, primas, somos policiais, somos professoras, somos bombeiras, comerciantes, somos todas as profissões, religiões, etnias...

3- Alguma das imagens é violenta para você? Por quê?

A segunda principalmente, pois foi um caso triste em que a violência teve que ser usada. É espantoso um caso desse servir de propaganda.

7-Lana Fava, 35 anos, advogada

1- Você se sente representada como mulher em alguma das imagens? Por quê?

Não. Em ambas as fotos as mulheres encontram-se em posição tipicamente masculina, da força física e violência.

2- Qual seria uma representação ideal das mulheres no Dia Internacional das Mulheres para você?